

Antropologia da Religião e questões do campo antropológico em uma licenciatura em CRE: possibilidades

Heiberle H. Horácio¹

Resumo: Neste artigo tive como objetivos: apresentar distintas questões relacionadas à Antropologia da Religião, sobretudo questões sobre o seu estatuto, colocadas por diversos antropólogos e antropólogas; e examinar uma ementa da disciplina de Antropologia da Religião em uma licenciatura em Ciências da Religião, tendo como parâmetros a BNCC, o Currículo Referência de Minas Gerais, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Licenciatura em CRE. Para tanto, importa considerar que estou professor da disciplina de Antropologia da Religião há anos, tendo tido experiências e escutas diversas a partir da realização dessa disciplina-; importa considerar que a Antropologia da Religião é uma das áreas que epistemologicamente auxiliam à(s) Ciência(s) da Religião, mesmo a CRE quando compreendida como ciência plena, no singular; e importa considerar, ainda, que muitas das questões que atravessam a Antropologia da Religião também atravessam à(s) Ciência(s) da Religião, e podem colaborar nas reflexões e ações relacionadas ao Ensino Religioso - não confessional e não proselitista, orientado pela interculturalidade crítica - do qual a Ciência(s) da Religião é a área de referência.

Palavras-chave: Antropologia da Religião. Licenciatura. Ciências da Religião.

1

Anthropology of Religion and issues in the anthropological field in a degree in CRE: possibilities

Abstract: This article aims to present different questions related to the Anthropology of Religion, especially questions about its status, posed by various anthropologists; and examine a syllabus for the Anthropology of Religion discipline in a degree in Religious Sciences, using as parameters the BNCC, the Minas Gerais Reference Curriculum, and the National Curricular Guidelines for Degrees in CRE. To this end, it is important to consider that I have been a professor of the Anthropology of Religion discipline for years, having had different experiences and listening to this subject; It is important to consider that the Anthropology of Religion is one of the areas that epistemologically assist the Science(s) of Religion, even CRE when understood as a full science, in the singular; as well as considering, furthermore, that many of the issues that cross the Anthropology of Religion also cross the Science(s)

¹ Realizou Pós-Doutorado em Ciências Sociais – UFJF. Doutor PPCIR-UFJF. Graduado em História. Graduado em Filosofia. Coordenador do GDECO-ETNOPO. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimontes, em que trabalha com povos e comunidades tradicionais. E-mail: heiberle@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4486-1764>.

of Religion, and can collaborate in reflections and actions related to Religious Education - non-confessional and non-proselytizing, guided by a critical interculturality - of which the Science(s) of Religion is the area of reference.

Keywords: Anthropology of Religion. Degree. Religious Sciences.

Antropología de la Religión y problemáticas en el campo antropológico en la licenciatura en CRE: posibilidades

Resumen: En este artículo tuve los siguientes objetivos: presentar diferentes cuestiones relacionadas con la Antropología de la Religión, especialmente cuestiones sobre su estatus, planteadas por diversos antropólogos; y examinar un plan de estudios para la disciplina Antropología de la Religión en la carrera de Ciencias Religiosas, utilizando como parámetros el BNCC, el Currículo de Referencia de Minas Gerais y las Directrices Curriculares Nacionales para las Licenciaturas en CRE. Al respecto, es importante considerar que soy profesor de la disciplina Antropología de la Religión desde hace años, habiendo tenido diferentes experiencias y escuchando este tema; Es importante considerar que la Antropología de la Religión es una de las áreas que asisten epistemológicamente a la(s) Ciencia(s) de la Religión, incluso a la CRE entendida como ciencia plena, en singular; así como considerar, además, que muchas de las cuestiones que atraviesan la Antropología de la Religión también atraviesan la(s) Ciencia(s) de la Religión, y pueden colaborar en reflexiones y acciones relacionadas con la Educación Religiosa -no confesional y no proselitista-, guiadas por interculturalidad crítica - de la cual la(s) Ciencia(s) de la Religión es el área de referencia.

Palabras clave: Antropología de la religión. Licenciatura. Ciencias de la Religión.

2

1 Apresentação

Ao longo da minha trajetória acadêmico-profissional tomei contato - e trabalhei em diferentes ocasiões - com a disciplina Antropologia da Religião, tanto durante o meu doutorado² e mestrado, em que realizei a disciplina de Antropologia da Religião como estudante; quanto já como professor da própria disciplina de Antropologia da Religião, que realizo há muitos anos em uma universidade mineira.

Como não poderia deixar de ser, muitas questões surgiram ao longo desses anos a partir da minha relação com a disciplina de Antropologia da Religião, inclusive postas pelas(os) estudantes que comigo constroem e construíram a disciplina. Questões sobre o estatuto da disciplina, e sua relação com o fazer etnográfico, por exemplo; mas, também, questões relacionadas aos livros introdutórios de Antropologia da Religião, e às ementas de diferentes universidades a que tive contato para a elaboração de uma ementa de Antropologia da Religião que tenho construído em um processo de

² Como escrevi uma tese relacionada à Antropologia da Política e Religião Política, também por isso, diferentes foram as referências de Antropologia da Religião a que tive acesso.

reformulação do PPP/PPC³ do curso na universidade em que trabalho, em que estou como professor.

Neste artigo, procuro examinar a ementa da disciplina de Antropologia da Religião, em uma licenciatura em Ciências da Religião, mas, não antes de arrolar certas questões relacionadas ao estatuto da Antropologia da Religião, colocadas por diferentes autores e autoras. Aqui importa dizer, no início deste artigo, que embora eu me ocupe de apresentar algumas questões do estatuto da disciplina, e alguns autores e autoras que as fazem, não tratarei aqui das importantes obras construídas por diferentes antropólogos e antropólogas que aparecem nas referências das ementas e que fazem parte do campo antropológico clássico – como James Frazer, Taylor, Franz Boas, Malinowski, Marcel Mauss, Margaret Mead, Ruth Benedict, Levi-Strauss, Leach, Mary Douglas, Turner, Geertz etc. Também não tratarei das obras e autores que são mobilizados como exemplos de antropólogos que realizaram textos específicos sobre Antropologia da Religião, ou sobre a relação Antropologia e religião, conquanto alguns desses escritos permeiem as questões da Antropologia da Religião de modo significativo, como é o caso do “texto” *A Religião e os Antropólogos*, de Evans Pritchard.

A respeito desse “escrito” de Evans Pritchard, por exemplo, o professor Marcelo Camurça entende que Pritchard “discute a (tensa) relação entre Antropologia e religião ao longo da história da disciplina, desde o século XIX até a década de 1960, relação esta marcada no início pela animosidade de uma ‘guerra fundante’ e no presente por uma entente, um compromisso fundado na indiferença⁴” (Camurça, 2008, p.77).

O antropólogo francês André Mary, por sua vez, vai dizer de uma questão que “Evans-Pritchard foi uma dos primeiros a levantar: a relação dos antropólogos com as coisas religiosas na própria construção do seu objeto” (2015, p.11). Já o antropólogo Roberto da Matta, na sua interpretação do mesmo texto de Evans Pritchard, destaca que “o que é insuportável, parece nos dizer E.-P., não é apenas a pequenez e a visão curta das igrejas e das fantasias religiosas, mas é essa indiferença do mundo que a ciência também não foi capaz de superar” (1986, p. 35).

Mesmo eu optando por não aprofundar aqui nas discussões acima citadas, vale pelo menos mencionar que a respeito da relação entre a Antropologia e a(s)

³ Embora eu saiba da variação para PPC, neste artigo será usado PPP, pois é assim que o documento de 2012, ainda não reelaborado, está nomeado.

⁴ “Todavia, seu enfoque antropológico visava a descobrir as estruturas sociais por trás tanto de ‘religiões’ quanto de ‘bruxarias’, assim como compreender a(s) religião(ões) do ‘nativo’ (e a nossa) como elaborações socioculturais que se explicam em seus próprios termos e em seu próprio contexto (Steil, 2003, pp. 125-157)” (Camurça, 2008, p. 77).

religião(ões), o antropólogo Marcelo Camurça destaca, em fundamental artigo sobre o estatuto da Antropologia da Religião, que uma das reflexões é “pensar a Antropologia, ciência cuja marca distintiva se pauta pela perspectiva do relativismo, confrontada com o domínio da religião, que assenta no absoluto” (2008, p.71). Sobre isso, a antropóloga Rita Segato alerta

para o paradoxo que se constitui quando afirmamos que a operação que relativiza tem por finalidade compreender de dentro em seus próprios termos uma crença nativa que nos é estranha, enquanto aqueles que aderem a essa crença o fazem de maneira absoluta e não vislumbram a possibilidade de colocá-la em termos relativos. Este tipo de contradição, segundo argumentarei, emana do recorte clássico com que a Antropologia Social tem se aproximado da temática religiosa e da adaptação um tanto reducionista da teoria da interpretação que prevaleceu nos estudos antropológicos. Essa prática interpretativa conduz a que sacrifiquemos uma parte da verdade dos seres humanos retratados em nossos relatos etnográficos, perdendo de vista ou mesmo censurando as evidências que falam de um horizonte íntimo em que ocorre a experiência humana do transcendente. Mais do que os limites disciplinares propriamente ditos, os quais são e devem ser permanentemente refeitos, essa censura parece-me decorrer das convenções até agora aceitas para a construção do nosso discurso teórico-etnográfico. As mais das vezes, esse tipo de discurso trai, por sua inadequação, a experiência que deveria revelar (Segato, 1992, p. 114).

4

Como é sabido dentro do campo antropológico, há questões que acompanham a Antropologia desde a sua fundação. Questões, inclusive, que em muitos momentos são postas por pessoas de fora do campo antropológico, como aquela relacionada ao chamado relativismo cultural, em que acusam equivocadamente a Antropologia por considerar um “vale tudo, que o comportamento humano – mesmo o mais grotesco e abominável – sempre pode ser justificado com base no fato de que ele é ‘parte da cultura’” (Ingold, 2019, p.62). Importa destacar que essa é uma acusação errônea, pois é baseada em uma interpretação limitada da compreensão do relativismo cultural, sendo que este, na verdade, “trata-se da visão de que as pessoas de uma cultura julgam as suas ações a partir dos seus próprios pontos de vista, que esses julgamentos têm uma lógica interna ou uma racionalidade própria, e que nenhum deles pode ser classificado como melhor ou pior em qualquer escala de valor absoluta e isenta de cultura” (Ingold, 2019, p.62).

Pois bem, se o campo antropológico carrega certas questões como as supracitadas, há questões próprias à Antropologia da Religião. Silas Guerriero chega a escrever que “não existe até os dias atuais uma definição clara do que se compreende

por Antropologia da Religião, a começar pela própria singularidade ou pluralidade da temática em foco” (2013, p. 243). O professor e pesquisador Silas Guerriero vai dizer que “para uns, não é possível falar de Antropologia da Religião no singular, pois essa unicidade indicaria a ideia de busca de uma essência da religião. Para outros, essa é uma questão menor. É por Antropologia da Religião que a disciplina ficou conhecida, e não se faz exigência de que o tema permaneça no singular ou no plural” (2013, p.243).

A despeito dessas importantes questões postas, elas não são as únicas e, no meu ponto de vista, são constituintes da Antropologia da Religião sem que precisem colocar em xeque a existência dela, pelo contrário, é um debate motor da própria Antropologia da Religião. De todo modo, há outras questões próprias à Antropologia da Religião.

Questões próprias à Antropologia da Religião

Falar de antropologia da religião ou das religiões, ou mais ainda de ‘antropologia religiosa’ não é tão fácil, e particularmente no círculo dos antropólogos. Os termos aparentemente equivalentes ou paralelos de antropologia ‘política’ ou ‘econômica’ não suscitam as mesmas reservas, ao contrário. No entanto, alguns antropólogos permanecem muito ligados ao termo ‘antropologia religiosa’, no espírito dessa ‘sociologia religiosa’ que ocupava um lugar central nos trabalhos de toda a Escola durkheimiana e maussiana (Mary, 2015, p.13).

Como é possível observar na epígrafe acima, há importantes questões próprias à Antropologia da Religião, que, inclusive, suscitam reservas e geram mal entendidos, como a do termo antropologia religiosa, pois, segundo André Mary, é um termo “que tende a manter a confusão entre um projeto científico e preocupações religiosas” (2015, p.14). André Mary cita Pierre Bourdieu como exemplo de quem denunciava “a seu modo essas tentativas que pretendem acumular os benefícios da religiosidade e da cientificidade a serviço de uma ‘ciência edificante’ ou de uma religiosidade oculta” (2015, p.14).

Há outras questões igualmente imprescindíveis, como a destacada novamente por Marcelo Camurça, em artigo que carrega no título o seguinte questionamento: “Pode-se falar de uma Antropologia da Religião dentro do campo antropológico?”. Nesse artigo mencionado, Camurça alude à existência de quem tem desconfiança dessa divisão por especialidades na Antropologia, área em que o holismo e a experiência “particular” etnográfica são fundamentais. Camurça cita Mariza Peirano para dizer que o “caráter teórico universal” da Antropologia não é comprometido pelas especificidades

tanto de áreas, quanto das experiências empíricas, uma vez que, segundo Peirano, o fato de a “Antropologia reunir um grande repertório de evidências empíricas, resultado cumulativo de trabalho de campo em várias culturas” faz é enriquecer e “refinar seu instrumental teórico” (Peirano, 2002 apud Camurça, 2008, p. 72), e que para Peirano:

A Antropologia é universalista por disposição, mas se enriquece, amplia seu repertório e se sofisticada teoricamente quando confrontada com novos universos empíricos [...]. Disso resulta que, partindo de uma orientação universalista, a Antropologia particulariza-se em ação e se torna “antropologia da política”, “antropologia da religião”, “antropologia dos movimentos sociais”, “antropologia do gênero”, “antropologia do parentesco”, “antropologia das sociedades indígenas” etc. (Peirano, 2002, apud Camurça, 2008, p. 72).

Camurça cita também o argumento de Paula Montero, em diálogo com Roberto Cardoso de Oliveira, em que ela diz que “a ‘Antropologia brasileira se caracteriza, desde seus primórdios, por definir-se em função de seus objetos’, estabelecendo-se uma ‘preponderância do objeto real sobre objetos teoricamente construídos (2004, p.121)”, e que talvez por isso no Brasil o objeto religião tenha ganhado um lugar na Antropologia como especialidade⁵ (Camurça, 2008, p. 72).

6

Por sua vez, o antropólogo Tim Ingold tece importantes considerações que podem ajudar nas reflexões relacionadas à questão de que uma suposta especialização de uma Antropologia da Religião colocaria em “xeque” o holismo tão buscado pela Antropologia. Para Ingold, “a recente proliferação de antropologias – médica, visual, ambiental, cognitiva, e assim por diante – (...) não pressagia a fragmentação da disciplina” (2019, p.63). Isso porque, segundo Tim Ingold,

cada uma delas proporciona um meio diferente de encontrar caminho nessa miscelânea. E é o entrelaçamento de todas as trilhas, em uma paisagem contínua, o que as une em diálogo único, [sem contar que] o que mantém a Antropologia unida, insistíamos, é a unidade da experiência, e que os antropólogos frequentemente expressam essa unidade através do conceito de holismo. Com isso eles querem dizer que a tarefa da Antropologia é focar o entrelaçamento de aspectos da vida que poderiam, de outra forma, ser repartidos entre diferentes disciplinas para o seu estudo isolado (Ingold, 2019, p. 62),

⁵ Ademais, Camurça cita que está presente “nas classificações dos grupos e linhas de pesquisa, vinculados a associações científicas e organismos de fomento; assim como tenha passado a figurar enquanto disciplina em prestigiosos cursos de pós-graduação” (Camurça, 2008, p.72). Camurça menciona, ainda, que no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, por exemplo, existem as disciplinas Antropologia da Religião I e III.

Portanto, a Antropologia da Religião por ser Antropologia antes de tudo, não isola a religião, tampouco se isola com ela. Até porque, de acordo com Filoramo e Prandi (1999, p.204), “a Antropologia pretende fixar-se na reciprocidade significado da religião/religião como significado”,

a qual envolve tanto as relações entre a religião e os outros aspectos da cultura humana (a religião como parte integrante e fator de integração dos processos culturais) quanto os significados que a religião assume para os homens que a praticam: em geral, significados últimos ou salvíficos (no sentido lato do termo, incluindo exigências de salvação nem sempre exclusivamente de ordem meta-histórica) (Filoramo; Prandi, 1999, p. 205).

Importa abrir parêntese e mencionar aqui, por precaução, que Ingold nos dá elementos para pensarmos criticamente na perigosa afirmação de que “a Antropologia busca o ser humano em sua totalidade” (Ingold, 2019, p. 67). Pois o próprio Ingold destaca que “holismo e totalização, portanto, não são a mesma coisa, pois o primeiro significa a infinitude da vida e não o caráter definitivo de um ser unificado⁶” (2019, p. 67).

A respeito da suposta especialização, Camurça vai dizer que “em geral, a forma canônica dispensada pela Antropologia ao tema religião parece continuar, do ponto de vista teórico-epistemológico, a desconhecer nela uma realidade própria” (2008, p. 73), pois ainda há quem tenha optado por trabalhar a partir das noções como rituais, simbolismos, mitos, “que a(s) religião(ões) reivindica(m) como atinentes ao seu universo (...)” (2008, p.73).

Há, também, alternativas como a do antropólogo Emerson Giumbelli, que opta por considerar as “práticas e as crenças dos adeptos auto-referidas enquanto ‘religião’ e não a realidade da religião em si” (Camurça, 2008, p. 73) que seria composta com elementos (mitos, ritos, crenças etc) que caracterizariam um suposto religioso universal (Giumbelli, 1997, p. 29).

A posição de Giumbelli, considero eu, guarda algumas semelhanças com o giro propositivo realizado pelo antropólogo Roy Wagner a respeito da busca da definição de cultura, ao “considerar os modos de conceitualização nativos”, no livro *A Invenção da Cultura* (2012). Ademais, o posicionamento de Giumbelli me parece crítico a outra

⁶ “Não obstante, essa ideia de totalidade tem seus perigos. Pois ela postula um ser humano completo, cuja própria existência é encerrada e contida. Contudo, sem pontas soltas, a vida não pode continuar. Ele deve sempre escapar”. Assim, holismo e totalização não são a mesma coisa, conforme destacamos acima (Ingold, 2019, p.67).

“fonte de ambiguidade que é a referência da antropologia religiosa a um ‘religioso’ mais ou menos substantivado que sugere alguma especificidade irreduzível do religioso enquanto dimensão da experiência humana, ou postula a existência de um *homo religiosus*”, tal qual a concepção de Mircea Eliade (Mary, 2015, p.15).

Marcelo Camurça dá outras importantes pistas que permitem reflexões relacionadas ao estranhamento da Antropologia com a ideia da religião substantivada - como “realidade em si” - quando Marcelo diz que se a Antropologia nascente,

ao privilegiar o foco na alteridade das “sociedades primitivas”, em que a noção de “religião” não se encontrava destacada da organização social e do sistema simbólico, a Antropologia nascente elaborou suas categorias como de kula e mana (Malinowski, 1978; Mauss, 1974), não enquanto elementos que se referiam a uma “religião nativa”, mas como representações daquelas sociedades em sua ‘totalidade’, ou de aspectos essenciais destas. De fato, o que a Antropologia destacou como dimensões constitutivas destas sociedades foi, em vez da “religião”, o mito, o ritual e a magia; estes, ao lado do parentesco, passíveis de esforços de universalização e generalização teórica⁷ (Camurça, 2018, p.74).

8

 Importa destacar que, se parte dos antropólogos considerados clássicos pela tradição antropológica - e que aparecem na citação acima e na nota de rodapé abaixo - não operava com a noção de religião, mas com categorias do que consideravam “organizativas/constitutivas” de certas sociedades, como kula e mana; ou com dimensões, como os mitos e ritos, por exemplo; isso não significa, segundo Camurça, que a “religião, enquanto tal, não estivesse presente nos textos de todos ‘esses autores de referência’ da Antropologia, todavia, essa presença convivia, ao mesmo tempo, com a sua própria desconstrução e remissão para outras instâncias” (2008, p. 75).

Aqui abro parênteses para dizer que constatável é a presença recorrente de certos autores(as) e livros clássicos da tradição antropológica nas ementas das disciplinas de

⁷ “Abordagens à época e ulteriores liberaram, cada vez mais, cada uma dessas esferas de uma relação unívoca com o tema da religião, associando-as a outras dimensões da realidade. No caso do mito, passou a ser visto como estrutura cognitiva e de classificação (Lévi-Strauss, 1980, 1991; Leach, 1983), como experiência ‘estética’ da existência (Leenhardt, 1971); relacionado ao imaginário político (Girardet, 1987; Sironneau, 1985). No caso do ritual, foi analisado como transição de estados sociais e culturais (Van Gennep, 1974; Turner, 1974), como forma de transmissão de conhecimento (Leach, 1979), como linguagem social (Da Matta, 1977), associado a estruturas políticas (Kertzer, 1988; Tambiah, 1996), como ato performático (Tambiah, 1985; Schechner, 1993)”. (Camurça, 2008, p.75). Lembrando que ele menciona que apenas a magia não pode ser separada totalmente de uma relação com a religião, embora não ela como o avesso da religião. Em que a “magia foi considerada: associação errônea de ideias (Frazer, 1982), função psicológica atenuante de angústias (Malinowski, 1984), linguagem para as tensões na estrutura social (Evans Pritchard, 1978), e produtora de ‘eficácia simbólica’ (Lévi-Strauss, 1991)”. (Camurça, 2008, p. 75).

Antropologia da Religião. Afirmando isso após realizar uma pesquisa (2024b) que examinou 9 ementas diferentes de Antropologia da Religião, de seis diferentes universidades (PUC-SP, UFPEL, duas; PUC-Rio, Unimontes, USP, UFJF, versão 2023 e versão 2016, versão Bach). Nesse referido trabalho de pesquisa constatarei que as obras mais encontradas de autores da Antropologia⁸, e que aparecem em pelo menos duas, das nove ementas examinadas foram: a) Clifford Geertz, *A interpretação das Culturas*; que está presente em 6, das 9 ementas. B) a obra *Magia, Ciência e religião e outros ensaios*, de Bronislaw Malinowski; que está presente em 8 das 9 ementas. C) o livro *As formas elementares da vida religiosa*, de Émile Durkheim; que está presente em 3 das 9 ementas analisadas. D) o livro de Evans-Pritchard, *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*; presente em 8 das 9 ementas. E) o texto *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*, de Marcel Mauss; que aparece em 7 das 9 ementas. F) o texto de Talal Assad, *A construção da religião como uma categoria antropológica*, que aparece 2 vezes. G) *O Processo Ritual* de Victor Turner; aparece 6 vezes. H) O livro *Antropologia Estrutural* de Claude Lévi-Strauss; que aparece 4 vezes, em 9 ementas examinadas. I) assim como *O Ramo de Ouro*, de James Frazer; também aparece em 5, das 9 ementas analisadas. Há, evidentemente, outras várias obras que compõem as ementas, mas que não se repetiram - como o livro de Jack Goody (*O mito, o ritual e o oral*) e autores (como Leach, e Sahlins).

Retomando o diálogo sobre as questões concernentes à Antropologia da Religião, uma questão possível de ser colocada é a de qual é o lugar da Antropologia da Religião na(s) Ciência(s) da Religião. O pesquisador Silas Guerriero em artigo no *Compêndio de Ciência da Religião* vai dizer que “o que nos importa reter é que a Antropologia auxilia a Ciência da Religião no que se refere à discussão dos aspectos simbólicos que envolvem o fazer religião no interior das sociedades humanas. Tem por excelência o estudo de elementos básicos das religiões como ritual, a mitologia e o sistema de crenças em geral” (2013, p. 243). Para Silas Guerriero,

Os estudos de religião e especificamente a Ciência da Religião utilizam-se dessas disciplinas [Sociologia e Antropologia] como instrumentos de compreensão de um dos componentes fundamentais

⁸ Importa destacar – baseado em exame por mim realizado em outro trabalho – que os mesmos autores estão recorrentemente presentes em diferentes “manuais” de Antropologia da Religião, como nos livros introdutórios: *Antropologia da Religião, magia e feitiçaria*, de Rebecca L. Stein, e Phillip L. Stein; *Fundamentos de Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino*, de Michel Meslin; *Antropologia da Religião: fundamentos, conceitos e prática*, de James S. Bielo; *Introdução à Antropologia da Religião*, de Jack David Eller; *Os Antropólogos e a religião*, de André Mary.

da religião, sua conotação social e cultural. Afinal, não há religião que não esteja inserida numa sociedade e num ambiente simbólico e cultural. Além do mais, não há sociedade ou cultura que não apresente algum tipo de sistema de crenças religiosas. Para a Ciência da Religião, o fenômeno religioso não se limita aos aspectos sociais e culturais, mas existe uma compreensão que sem lhes dedicar um olhar apurado não será possível obter um entendimento global do fenômeno (Guerriero, 2013, p. 243).

A despeito da minha discordância ou concordância com as considerações de Guerriero, coloco aqui uma questão que tem a ver com o lugar da disciplina de Antropologia da Religião em um curso de licenciatura em Ciências da Religião - área base de formação para os professores e as professoras de Ensino Religioso não confessional e não proselitista -, que possui as suas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religião.

Essa questão me ocorreu, inclusive, porque nesse exato momento faço parte de um coletivo que está reconstruindo o PPP/PPC de uma licenciatura em Ciências da Religião, e eu estou como elaborador responsável da ementa da disciplina que ministro, a de Antropologia da Religião. Quero aproveitar para destacar que o brevíssimo “exame” da ementa do PPP de 2012 - PPP que está vigente atualmente – não procura, em hipótese alguma, depreciar ou tecer julgamentos acusatórios da ementa de 2012. O breve exame aqui realizado leva em consideração as circunstâncias e o contexto em que a ementa de 2012 foi construída, inclusive recordando que em 2012 não existiam ainda as Diretrizes Curriculares supracitadas, não existia a Base Nacional Comum Curricular de Ensino Religioso, e não existia o Currículo Referência do Estado de Minas Gerais.

Portanto, o breve “exame” abaixo realizado - que possui os documentos acima citados como parâmetros para o “exame” – tem como objetivo tecer reflexões sobre a ementa, visando procurar possibilidades para que uma nova ementa de Antropologia da Religião possa ser articulada em um PPC de uma licenciatura de Ciências da Religião, tendo em vista a melhor formação de professores e professoras de Ensino Religioso não confessional e não proselitista.

Uma ementa de Antropologia da Religião de uma licenciatura em CRE

No Sertão dos Gerais, em Montes Claros, a Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes oferece o curso de Ciências da Religião, que tem como objetivo suprir a demanda regional por profissionais que atuem como professores(as) de Ensino

Religioso, dotados(as) de uma formação de qualidade, de caráter acadêmico-científico, laico, interdisciplinar, não confessional e não proselitista, que tenham a interculturalidade crítica como base, e que estejam aptos a realizar estudos científicos das religiões, a partir de teorias, métodos e metodologias adequadas ao objeto, conforme mencionei, inclusive, em artigo publicado relacionado ao curso (Horácio, 2017). O curso tem duração de oito semestres, e a modalidade do curso é licenciatura.

Algumas das disciplinas⁹ que compõem o PPP do curso em Ciências da Religião – considerando sua interdisciplinaridade característica - são: Expressões da Experiência Religiosa, Filosofia da Religião, Psicologia da Religião, Introdução às Ciências da Religião, Hermenêutica da Linguagem Religiosa, Sociologia da Religião e, entre outras, a de Antropologia da Religião.

Ademais, por ser uma licenciatura, além das disciplinas vinculadas aos Estágios Supervisionados, o curso tem disciplinas como: Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Libras, Didática, Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio, e três disciplinas de Ciências da Religião e Temas Transversais, as quais são especificamente estruturadas para o desenvolvimento de reflexões sobre a Educação, o Ensino Religioso, à Lei de Diretrizes e Bases, às Diretrizes Curriculares Nacionais de Ciências da Religião, ao Currículo Referência de Minas Gerais, e à Base Nacional Comum Curricular-BNCC, sendo que o Ensino Religioso é uma das cinco áreas presentes na BNCC.

A respeito da BNCC de Ensino Religioso, suas unidades temáticas são: a) identidades e alteridades; b) manifestações religiosas; c) crenças religiosas e filosofias de vida; e as finalidades do Ensino Religioso estão presentes nas competências específicas, que são seis:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos. 2.

⁹ Outras disciplinas fundamentais para a licenciatura e para a formação do professor de Ensino Religioso são aquelas concernentes aos debates e reflexões contemporâneas sobre as religiões (por exemplo, as disciplinas intituladas Diálogo Intercultural e Inter-religioso e Religião e Consciência Ético-religiosa), juntamente com as disciplinas relacionadas ao conhecimento sobre as religiões, a saber: Cosmvisão das Religiões Africanas e Americanas, Religiões Orientais, Judaísmo, Catolicismo, Islamismo, Protestantismo, Kardecismo, Afro-brasileiras. Ademais, dentro desse arcabouço, há as disciplinas de Teologias das Religiões: Catolicismo, Protestantismo, Religiões Mediúnicas, Catolicismo Popular, Teologia da Libertação e Teologia da Prosperidade. Há ainda as seguintes disciplinas: Ciências da Religião e Eurocentrismo, Ciências da Religião e Estudos Culturais Pós-Colonialistas I e II, Cosmvisão das Religiões: Manifestações Religiosas no Sertão das Gerais e Religião e Poder; Introdução à Pesquisa em Ciências da Religião, Metodologia da Pesquisa em Ciências da Religião, Seminário de Pesquisa I e II e Estudo de Campo I, II, III, IV e V (Horácio, 2017).

Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.

3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.

4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.

5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.

6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz (Brasil, BNCC, 2017).

A BNCC de Ensino Religioso possui efetiva relação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religião, que por sua vez estabelece em seu Art. 2º que o “curso de licenciatura em Ciências da Religião constitui-se como habilitação em nível de formação inicial para o exercício da docência do Ensino Religioso na Educação Básica”, e em seu Artigo 3º que o funcionamento dos cursos de Ciência(s) da Religião licenciatura deverá propiciar na formação do docente:

I - Sólida formação teórica, metodológica e pedagógica no campo das Ciências da Religião e da Educação, promovendo a compreensão crítica e interativa do contexto, a estrutura e a diversidade dos fenômenos religiosos e o desenvolvimento de competências e habilidades adequadas ao exercício da docência do Ensino Religioso na Educação Básica; II - Sólida formação acadêmica científica, com vistas à investigação e à análise dos fenômenos religiosos em suas diversas manifestações no tempo, no espaço e nas culturas; III - O desenvolvimento da ética profissional nas relações com a diversidade cultural e religiosa; IV - O aprendizado do diálogo inter-religioso e intercultural, visando o reconhecimento das identidades, religiosas ou não, na perspectiva dos direitos humanos e da cultura da paz (Brasil, 2018, p.1).

Outro documento base para o professor e para a professora de Ensino Religioso é o Currículo Referência de Ensino Religioso do Estado de Minas Gerais. Este currículo se encarrega de valorizar o que ele chama de conhecimento religioso, pois “cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção” (CRMG, 2018). Segundo o Currículo Referência de Minas Gerais, “isso implica abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida” (CRMG, 2018). Consta ainda no documento que:

De modo singular, complexo e diverso, esses fenômenos alicerçaram distintos sentidos e significados de vida e diversas ideias de espiritualidade e de divindade, em torno dos quais se organizaram cosmovisões, linguagens, saberes, crenças, mitologias, narrativas, textos, símbolos, ritos, doutrinas, tradições, movimentos, práticas e princípios éticos e morais. Os fenômenos religiosos em suas múltiplas manifestações são parte integrante do substrato cultural da humanidade (CRMG, 2018).

O Currículo Referência de Minas Gerais de Ensino Religioso, tal qual a BNCC de Ensino Religioso, traz como uma das Unidades Temáticas a questão da Identidade e Alteridade, e nesse ponto, nas Habilidades, destaca, por exemplo, a imprescindibilidade do respeito aos diferentes símbolos, e sua diversidade; condizendo a compreensão de Ensino Religioso do CRMG que sublinha a necessidade de que por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e filosofias de vida, existam “atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades” (CRMG, 2018), até porque, de acordo com esse documento, a “interculturalidade e a ética da alteridade constituem fundamentos teóricos e pedagógicos do Ensino Religioso, porque favorecem o reconhecimento e respeito às histórias, memórias, crenças, convicções e valores de diferentes culturas, tradições religiosas e filosofias de vida” (CRMG, 2018).

Ao examinar uma ementa, é necessariamente importante que ela seja analisada de acordo com a modalidade do curso em que ela está inserida, no caso é uma licenciatura, e nos documentos que orientam o funcionamento dessa licenciatura, entre outros as Diretrizes Curriculares, o CRMG, e a BNCC.

A ementa de Antropologia da Religião

A respeito especificamente da ementa de Antropologia da Religião, ela possui uma carga horária de 72h, o que corresponde a quatro aulas semanais, durante um semestre. A ementa examinada¹⁰ foi a seguinte:

¹⁰ A ementa examinada foi do PPP em operação, que é do ano de 2012. Há outros dois PPPs anteriores a ele. O PPP de 2007, que possuía a disciplina Antropologia da Religião, cuja ementa (de 36h) era: “A pessoa humana. Origem, dignidade, valores, realização, liberdade, vontade, relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus. Antropologia da teologia” (2007). Já o PPP de 2010, não possuía a disciplina de Antropologia da Religião, mas a disciplina de Antropologia Social (54h), que trazia na ementa: “Conceituação e especificidade da Antropologia Cultural. Análise das sociedades primitivas: organização social, sistema de parentesco, economia e poder, expansão colonial e as sociedades primitivas. Antropologia Cultural e a análise das sociedades capitalistas: população indígena no Brasil, a questão racial, a reprodução da heterogeneidade cultural e a realidade brasileira.” (2010).

Ementa: relação entre a ciência antropológica e o fenômeno religioso. Introdução histórica da gênese das Ciências Sociais, na crítica da religião e a problemática no séc. XIX e XX do alcance de uma abordagem não religiosa da religião (cultural, simbólica e ritual). Compreensão do fenômeno religioso dentro dos principais marcos em chaves interpretativas da Antropologia: o mito, o rito e a magia. Discussão das grandes teorias sobre magia e religião: as teorias sociológicas francesas Durkheim, Mauss, a teoria de Weber, as teorias britânicas (Malinowski, Evans Pritchard), a teoria marxista (Godelier), a teoria interpretativa (Geertz), as teorias simbólicas (Mary Douglas, Turner).

Bibliografia básica:

EVANS- PRITCHARDT, E. A religião e os antropólogos. In: Religião e sociedade. Rj. Iser, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. Magia, Ciência e Religião. Lisboa: Edições 70, 1987.

TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.

14

Ao examinar o conteúdo da ementa supracitada, tomando como parâmetro os três documentos que, de alguma forma, orientam a licenciatura em Ciências da Religião, é possível observar que a ementa parece possuir pouca articulação com a disciplina de Ensino Religioso na Educação Básica, com a importância da formação de professores(as), pois se trata de uma licenciatura, e não há menção nem mesmo à questão da diversidade cultural e religiosa, sendo que a importância da diversidade consta, inclusive, nas Diretrizes Curriculares, explícita e de diferentes modos, e que talvez pudesse ter sido abarcada nominalmente em uma ementa de Antropologia da Religião, devido a importância do debate sobre diversidade cultural na Antropologia, conforme é possível ver na primeira parte deste artigo.

Também não há a discussão ou menção à palavra alteridade na ementa, embora seja a discussão relacionada à alteridade uma constituinte da Antropologia, de acordo com diferentes autores(as) – e considero imprescindível porque a discussão relacionada à alteridade é uma das Unidades Temáticas da BNCC e do Currículo Referência de Ensino Religioso, que “fala” nominalmente de ética da alteridade, por exemplo.

Não há menção à interculturalidade crítica, possibilidade imprescindível para reflexões e ações sobre a relação entre diferentes culturas e manifestações religiosas. A respeito da interculturalidade¹¹, ela está presente nas Diretrizes Curriculares – também como diálogo intercultural -, e nominalmente no Currículo Referência de Ensino Religioso de Minas Gerais.

¹¹ Há trabalhos que possuem reflexões questionando se a noção de interculturalidade que está presente no CRMG é de uma interculturalidade crítica, ou de uma interculturalidade funcional, possibilidade bastante questionada e criticada.

A BNCC menciona a importância da “percepção das diferenças (alteridade)” e das identidades, da “diversidade de modos de ser e viver”, assim como destaca a importância das diferentes tradições, e menciona o “cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza”. Considero que a disciplina de Antropologia da Religião – com todos os atributos da Antropologia – poderia ser uma disciplina que discutisse esses elementos a partir dela, pois são tão próprios à Antropologia, conforme apresentado nas primeiras páginas deste artigo, a despeito das diferentes perspectivas sobre a compreensão da Antropologia da Religião que foram trazidas.

Outro aspecto que pode ser potencializado tem a ver com o entendimento de que a BNCC destaca a importância do cuidado da coletividade e da natureza, e tem a ver com a perspectiva que o Currículo Referência traz de tratar no Ensino Religioso o que ele chama de conhecimento religioso. Nesse aspecto, talvez seja uma possibilidade interessante mobilizar as diferentes produções e ações da Antropologia, de reconhecimento dos Saberes e dos Regimes de Conhecimento de povos e comunidades tradicionais, inclusive do ingresso nas universidades dos povos e dos regimes de conhecimento dos próprios povos e comunidades tradicionais (Horácio, 2022; Horácio, Xakriabá, 2024; Carneiro da Cunha, 2017; Viveiros de Castro¹², 2018).

15

Outra observação que pode ser realizada, após a leitura das questões iniciais postas, e dos documentos e da ementa, é de que a ementa não orienta explicitamente – diferente dos documentos – debates e ações relacionados ao combate às intolerâncias, discriminações, ao racismo. Não orienta no corpo da ementa, e não traz na bibliografia básica, obras nesse sentido. Bibliografia que é bastante curta, inclusive.

A respeito das obras relacionadas à bibliografia básica, e dos autores(a) constantes no corpo da ementa, ela segue a mesma lógica de outras ementas já mencionadas, se restringindo às obras clássicas, de autores tidos como clássicos dentro da tradição do campo antropológico. Não que esses autores não devam ser lidos e discutidos, devem sim. Mas me pergunto: em uma disciplina de Antropologia da Religião em uma licenciatura em CRE, com demandas próprias, traçar exclusivamente o caminho da tradição clássica antropológica é o mais efetivo, com melhor rendimento? Não teria melhor rendimento a realização da articulação entre as importantes

¹² A relação da Antropologia com esses regimes de conhecimento é tão imprescindível que um antropólogo como Viveiros de Castro, chega a dizer que: “o estilo de pensamento praticado pelos povos que estudamos são a força motriz da disciplina” (2018, p.24). Destaco que de diferentes modos, os trabalhos que durante esses anos todos realizo com Povos Indígenas são a força motriz de diferentes construções e aprendizados, devido aos conhecimentos e lutas desses Povos.

construções, produções e compreensões das diferentes possibilidades das obras e categorias dessa tradição, com as demandas próprias de uma licenciatura em CRE? Também tenho me perguntando: não seria essa ementa um lugar importante para uma discussão sobre a especificidade da Antropologia da Religião na(s) Ciência(s) da Religião?

Por fim, quero destacar: a) que pensar a implementação das Leis 10639/03 e 11645/08 na ementa em questão é imprescindível, a partir do que fora escrito nas páginas anteriores; b) que não tratei de dizer aqui que as possibilidades aventadas acima sirvam para todas as ementas de Antropologia da Religião, em cursos diferentes, e em modalidades distintas – como nas pós-graduações. As possibilidades aventadas, que estão abertas às discussões e críticas – se referem a um caso específico de uma licenciatura em CRE, dentro de um determinado projeto.

Considerações finais

Apresentei neste artigo distintas questões relacionadas à Antropologia da Religião, sobretudo questões sobre o seu estatuto, colocadas por diversos antropólogos e antropólogas. Procurei registrar diferentes perspectivas sobre a compreensão do “lugar” da religião, e das religiões, na Antropologia da Religião; perspectivas que vão desde aquela que não concebe a existência de uma categoria religião como universal, até aquelas que se interessam pelos supostos elementos constituintes das sociedades, comunidades, grupos, e religiões, como os mitos, os símbolos e os ritos, por exemplo. Pelos autores e autoras citadas na primeira parte, foi possível observar que o debate sobre o estatuto da Antropologia da Religião faz parte do próprio desenvolvimento da Antropologia da Religião, e que mesmo com distinções dos diversos autores e autoras sobre a compreensão do que seja a religião, as experiências concretas e suas especificidades compartilhadas pelo fazer etnográfico¹³, assim como a perspectiva holística, dois traços fundamentais da Antropologia, também são constituintes da Antropologia da Religião.

E após colocar as questões supracitadas, na segunda parte deste artigo procurei examinar a ementa de Antropologia da Religião, de uma licenciatura em Ciências da Religião, que é a área de referência para a formação de professores(as) da disciplina de

¹³ Importa dizer que o PPP do curso possui 5 disciplinas, em períodos diferentes, denominadas de Estudo de Campo, sendo que essas disciplinas podem ser espaços, e tem sido por mim realizadas nesse sentido, de discussões sobre os fazeres etnográficos e sobre etnografias.

Ensino Religioso – não confessional, e não proselitista – nas escolas públicas. O exame teve como parâmetro a BNCC-ER, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Licenciatura em CRE, o Currículo Referência de MG, como também as questões relacionadas à Antropologia da Religião da primeira parte do artigo. Destaco, novamente, que a leitura feita da ementa tendo como parâmetros os documentos citados, não foi nunca uma leitura no sentido de depreciar a ementa, ou de qualquer julgamento anacrônico à ementa, uma vez que ela foi construída em 2012, muito antes dos documentos mobilizados. A leitura da ementa à luz desses documentos tem mais a ver com a circunstância em que estou inserido, a de pensar e construir uma nova ementa para o PPP/PPC da licenciatura em Ciências da Religião; que nesse momento, primavera de 2024, está sendo reformulado coletivamente, conquanto como professor da disciplina de Antropologia da Religião eu tenha ficado responsável por ela e, por isso, esteja realizando a leitura de diferentes ementas de Antropologia da Religião, e feito diferentes diálogos e reflexões, que torno públicas com este artigo.

Referências

17

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica In: Cadernos de Campo, São Paulo, n. 19, 2010.

BIELO, James S. Antropologia da Religião: fundamentos, conceitos e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento da Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de licenciatura em Ciências da Religião. Parecer CNE/CP nº 12/2018 homologado pela Portaria n. 1.403, publicada no D.O.U. de 28 dez. 2018b.

CAMURÇA, Marcelo. Pode-se falar de uma Antropologia da Religião dentro do campo antropológico? In: Ciências Sociais e Ciências da Religião. São Paulo: Paulinas, 2008.

CARDOSO, Laura Patrícia A.; HORÁCIO, Heiberle. A imprescindibilidade da interculturalidade crítica ao Ensino Religioso não confessional para a escola. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 16, n. 3, set./dez. 2023.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com Aspas. São Paulo: UbuEditoras, 2017.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; CESARINO, Pedro de Niemeyer (Org.). Políticas culturais e povos indígenas. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

DA MATTA, Roberto. Evans-Pritchard e a religião. *Religião & Sociedade*, vol. 13, nº1, 1986.

DE LA CADENA, Marisol. Cosmopolítica indígena en los Andes: reflexiones conceptuales más allá de la «política». *Tabula Rasa*, 33, 273-311, 2020.

DE LA CADENA, Marisol. *Seres-Terra: Cosmopolíticas em Mundos Andinos*. Editora Bazar do Tempo, 2024.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ELLER, Jack David. *Introdução à Antropologia da Religião*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

ERICKSON, Paul; MURPHY, Liam D. *História da Teoria Antropológica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *A religião e os Antropólogos*. *Religião e Sociedade*, v.13, n.1. Rio de Janeiro, 1986.

FILORAMO, Giovani; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FORNET-BETANCOURT, Raul. *Religião e interculturalidade*. Curitiba: Editora Sinodal, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIUMBELI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GROSGOUEL, Ramon; MALDONADO-TORRES, Nelson; COSTABERNARDINO, Joaze. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GUERRIERO, Silas. *Antropologia da Religião*. In: *Compêndio de Ciência da Religião*. PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). São Paulo: Paulinas, 2013.

HORÁCIO, Heiberle; XAKRIABÁ, Nei Leite. *Regimes de conhecimento e arte Xakriabá: diálogos, rituais e construções de resistência / organizadores: Heiberle Horácio e Nei Leite Xakriabá*. – Campinas, SP: Mirai Livros, 2024.

HORÁCIO, Heiberle. (Org.). *Educação, Interfaces, Saberes Tradicionais e Populares: reflexões a partir do Norte de Minas Gerais e contribuições concernentes*. Editora Canastra, 2022.

HORÁCIO, Heiberle. (Org.) *Possibilidades para o trabalho nas escolas com a Educação para as Relações Étnico-Raciais, Diversidade Sexual e de Gênero, e para a justiça social*. Pedro & João Editores, 2023.

- INGOLD, Tim. Antropologia: para que serve? Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- INGOLD, Tim. Antropologia e/como educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. SP: Companhia das Letras, 2019.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. RJ: Tempo Brasileiro, 2003.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa (editoras). Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala. Editorial Universidade del Cauca, 2014.
- MARY, André. Os antropólogos e a religião. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2015.
- MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. SP: Editora Nova \cultural, 1987.
- MESLIN, Michel. Fundamentos de Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. O fogo avassalador e a nova sementeira. RJ: Morula, 2024.
- SEGATO, Rita. Um paradoxo do relativismo: o discurso racional da Antropologia frente ao sagrado. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, 1992.
- STEIN, Rebecca L.; STEIN, Philip L. Antropologia da religião, magia e feitiçaria. Petrópolis: Editora Vozes 2023.
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*. SP: Ubu Editora, 2018.
- WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo, Cosac Naify, 2012.
- WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Serie Pensamiento Decolonial. Ed. Abya-Yala. Equador, 2017.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico. 2018. 218f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – MESPT. Universidade de Brasília.

XAKRIABÁ, Nei Leite, 1981- Arte indígena xakriabá: com um pé na aldeia e outro pé no mundo / Vanginei Leite Silva. – 2022. 382 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.